A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—**IMPRESA CIVILIZAÇÃO**
de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis. Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

Parvos

Não sei se o titulo d'este artigo vae ferir susceptibilidades ou desagradar a quem deseja vêr sempre nas lides jornalistas uma linha de correcção e delicadeza que muito me apraz tambem vêr e conservar e da qual me não desviarei hoje.

Mas, em meu entender, essa linha só pôde manter-se emquanto para isso não seja necessario desviarmo nos da justiça a qual é incompativel, por vezes, com a delicadeza e nunca nos auctorisa a alterar a significação das palavras.

Parvos é, pois, como vereis, o unico titulo que com justiça e verdade podia encimar este artigo; e a verdade nunca é indelicada.

Ha bastantes annos que systematica e propositadamente os partidos monarchicos denominados regenerador e dissidente, se acham afastados do poder.

Isto representa para partidos sem ideal, a sua dissolução; é com o poder que elles conservam e augmentam e a quem por compra a sua influencia e os seus correligionarios.

Não usufruindo o poder, não engrossarão as suas fileiras com novos adeptos e de crer é que augmenta o numero das deserções.

O poder é uma questão de vida ou morte para esses partidos; e tão bem comprehendida foi ella dentro dos arraiaes monarchicos que durante esta crise demolidora para a monarchia, ainda se não viu um ligeiro sacrificio para o seu salvamento, antes o redobrar da luta para a consecução do poder.

Isto deu origem á formação do blóco contra o que elle chama as damnadas intenções do snr. José Luciano, supremo arbitro do progressismo, uma especie de *Roberto* que por todos os figurantes falla em falsete e, quando necessario, empunha a tradicional e terrivel móca para zursir os blóquistas.

A verdade, porém, é que a recusa do poder, não é obra exclusiva do progressismo que não tem legalmente o poder d'encarregar alguém de formar ministerio; como sua cumplice e principal responsavel está a corôa que ainda se não resolveu a experimentar o tino po-

litico e administrativo (??) do blóco.

A organização do actual ministerio especialmente depois de revelada a promessa feita pelo seu chefe Banana de que n'elle fazia só a politica do blóco, foi uma victoria encapotada d'este, e como tal festejada em familia.

Como quer, porém, que um *D. Juan* dos Navegantes, viesse desmanchar a caça e pucariño em que tão idyllicamente viviam blóco e *D. Banana*, logo aquelle em furia verdadeiramente e apropiadamente *taurina* investe com a traidora... presidencia do conselho.

Até aqui, bem vae; é um caso vulgar, não direi de *Linneu*, mas de *Alfama* ou *Mouraria*.

Aberta a lucta, annunciada renhida, declaram bem expressamente os blóquistas que conheciam o truc do governo, d'inspiração lucianista.

Appellaria para a viagem real, para o *lealismo monarchico*, e para outros palavrões d'uso em marés d'entalção.

Oh! mas não, juravam-n'o aos manes do blóco, d'esta vez a farça cahiria, e o ataque seria rijo e féro pouco importando a viagem.

Se o governo via agitada a politica interna do paiz, addiasse a viagem, que o ataque não se addiaria mais.

Nós, os extranhos a essa lucta, viamos com *sympathia* eses propositos.

Se a corôa não duvidava auxiliar e proteger o progressismo, se entrava nas luctas partidarias, não havia motivo para manter a consideração devida pelos contendores a um neutro.

Agora, porém, os órgãos officiosos do blóco, *mansos* como *borrêgos*, affirmam que aguardarão o fim da viagem de quem lhes não liga consideração alguma, para iniciar o ataque.

Fazem pois, o jogo do progressismo que annunciavam conhecer e teve valôr o palavrão balôfo—*lealismo monarchico*.

E diga-me agora quem leu se dentro das normas da delicadeza e da justiça e dentro do vocabulario portuguez, eu podia chamar aos blóquistas, menos do que *refinadissimos parvos*.

Carvalho de Souza.

O BLÓCO

Ha coiza d'uma semana os jornaes blóquistas «*As Novidades*», «*Diario Popular*»,

«*Dia*», mostravam-se enfurecidos por ter o governo traído os compromissos com eles; compromissos formaes que se rezumiam em governar á feição e gosto dos politicantes do blóco. Dias passados, os mesmos joanaes, nos seus rompantes poirentos, afirmavam que tempo era já de se constituir um governo com elementos de força propria.

E' musica celestial, isto. O blóco, apoz a saída do titular da justiça, viu que ia perdida a cartada em que se empenha com José Luciano e, escorraçado da cooperação no poder e derivantes regalos, desata a sua opposição caracteristica—aquella inconsequente e intermitente de *Julio de Vilhena* e a cheia de rópia da dissidencia. Emquanto o governo se manteve n'um equilibrio favoravel aos seus interesses, emquanto *Alpoim* e *Teixeira de Souza* tinham lamparina aceza na cozinha ministerial, tudo ia bem no mais bem formado dos mundos e nem *Wenceslau* e seus companheiros eram o rebutalho que hoje eles dizem. Estavam á bica, e se não era ainda o poder eram já, incontestavelmente, algumas das suas caras blandicias.

Deu-se porem a victoria rija e solene do triunfante bispo de *Beja*, e o cazo, com o titular da justiça, foi que agarraram pelos cabelos a ocasião de o pôr ao fresco. Lá se ia o poder, então:—lá vinham, assim, as furias...

Não ha duvida que os partidos politicos, representando diversas correntes de opiniões e de interesses, carecem de governar para intensificarem de força; e, portanto, não é extranhavel, nem novo, que os dissidentes, os teixeiristas e os vilhenistas, anceiem pelo poder.

E' assim em todas as terras, alternando-se as forças politicas no exercicio do governo d'uma maneira normal e, por assim dizer, rigorosamente consequente; é assim em toda e qualquer parte onde, a defrontar com um governo gasto e espremido apoz a realização do seu fim, aparece uma corrente vigorosa, turjida, guerreadora.

E' assim, é.

Mas o que em toda a parte faz agitar os politicos, correr ondas de tinta, o que em toda a parte provoca os ruidozos *meetings*, a luta de homens e de principios, não é a ambição do poder para mandar e encher a pança.

Ha agora na Inglaterra, e na França, formidavel luta poli-

tica em que paixões, homens, ideas, interesses, tudo revolutea n'uma batalha vivissima; maior, mais profunda, mais violenta, mais dura que todas as nossas lutas. Essas cizões que ameaçam de subversão e de guerra não são, porem, miserias sujas de engrandecimento pessoal, de exercicio vaidoso do mando, não teem nada de comum com as batalhas dissolventes de campanario.

A luta ingleza trava-se á roda do orçamento governativo de *Lloyd George*, esse revolucionario do poder que ezije ás boas e grandes fortunas a capitação judiciozissima que o capital tem de conceder para acudir-se ás despezas da defeza publica, e ás da benemerencia social; é uma luta de classes, de principios; é um terreno extensissimo onde, afinal, surge o prodomo de virem ás mãos n'uma pugna rude os primeiros fundibularios do trabalho e do capital.

Quanto ao que se dá com a politica franceza, tambem, lá, os homens e os partidos se embate por considerações de real valor, de interesse comum. *Briand*, traçando o programa governativo, lança ao circo das questões publicas o enxerto da politica pro-sindicalista, por meio da qual aspira a tornar evolutivo e pacifico o desenvolvimento aggressivo do sindicalismo francez, e de par e passo, envolve a republica na terminação do problema laico; quer no ensino, quer no carater do estado. E no terreno fecundo das iniciativas e da ação propõe o *modus faciendi* da legisferação social reformista. Eis homens, eis partidos, eis verdadeiramente—politica.

Terra a terra, o nosso blóco—justapozição de elementos disparatados pois que desprovidos da conexão de identico ponto afim—ameaça os ares com a sua furia porque lhe fojem as autoridades e porque se lhe acabam as colocações. Não é a cauza liberal que os faz romper a serio e sem contemporizações, não é um problema economico, um programa administrativo, uma doutrina politica.

Se o governo conservasse o seu colega *Medeiros*—liberal de titulo—ou, se despedindo-o, como fez, ao blóco tornasse obediente, servical e presto, podia a liberdade sêr garrotada, podiam as leis sêr desrespeitadas, e podia a administração publica correr á matroca que o blóco não tujiria, bem entretido a fazer o kilo. Suce-

deu assim emquanto não veio a crize, e caladinhos os blóquistas; assim sucederia se a volta face politica contra o blóco não fosse.

E'-nos pois indiferente senão repulsivo o spectaculo da contenda que trazem travada. São monarchicos creados na escola da subserviencia, do devorismo; e todos sabemos que nada vale pela seriedade e pela retidão a sua obstrução opozicionista. Dê-se-lhes o poder e todos serão reaceonarios; forcem-se ao ostracismo opozicionista e todos serão liberaes.

E o que todos são, realmente, é uns tartufos, uns calculistas hipocritas—uns intrujões.

ECHOS DA SEMANA

Justissimo

Na reunião da assemblea jeral do centro republicano das *Mercês* (Lisboa) foi unanimemente aprovada uma moção de protesto contra a singular attitude do vereador republicano *Ventura Terra* pelo acto, para condenar dos cumprimentos publicos ao ditador. Deu-se o cazo de *João Franco* ir de vizita ao liceu *Camões*, e viu-se então a extranha couza d'esse vereador republicano esperando-o no atrio e acompanhando-o na vizita, n'um acudir de homenajens que não lembrariam ao mais pintado.

O protesto afirma d'um modo altivo que o cometimento de *Ventura Terra* representa quebra dos laços de solidariedade partidaria, e falta de compreensão de deveres civicos. Diz muito bem. E diz muito cordatamente.

Junta Liberal

Certos jornaes liberaes-monarchicos d'zem nas entrelinhas dos seus artigos que não deve negar o seu concurso á *Junta Liberal* o partido republicano, nem deve querer prejudicial a na ação com acentuações de carater politico. Ora, o partido republicano...

Todos os republicanos portugueses querem a republica e devem contar unicamente consigo proprios para o trabalho de a estabelecer. Em todas as continjencias atuaes politicas os republicanos teem de afirmar a sua ambição: a sua torne a dizer-se. E quanto á *Junta liberal*...

Todos os liberaes são republicanos, sabem sem sombra de qualquer duvida, que dentro do rejime que aceitam é impossivel o ezito dos seus principios. Portanto...

Portanto o melhor é cada um deixar-se de casuisticas, que já não gradam, e, em materia de liberalismo monarchico, cuidar de bolas que é officio leve.

Dr. Francisco Zagallo

Deste nosso illustre patricio—um republicano que é um perfeito homem benefico e uma limpida inteli-

gencia — recebemos um meritorio trabalho de que é autôr: «Relatorio e Mapas do Censo da População da Freguezia de Alcobaça».

E' uma estatística illustrada das condições locais demograficas, e uma apreciação da ambiencia sob o ponto de vista do estado existente da instrução primaria, destinando-se conforme advertencia do autôr, a guisa subsidiario d'aquelles cidadãos dignos que se abalancem á faina de eliminar o analfabetismo indigena. E', portanto, pelo fito um prestimo folheto; alem de, pelo estudo e penetração que contém, merecer a leitura dos estudiosos.

O exemplar que nos é oferecido traz uma penhorante dedicatória, encarecedora, para nós outros, por afirmar uma individualidade a todos os titulos superior. Muito gratos ao nosso ex.^{mo} patricio e correligionario, pelo obsequio do oferecimento.

Escolas Moveis

Publicamos hoje, adiante, a notavel e interessante circular da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus.

Ali se diz com severa e varonil independencia o que é o ensino em Portugal e, quando mais não fosse, por esse depoimento importante, valia a pena tornal a publica. Mas a circular é ainda um apelo ao patriotismo e ao senso comum, duas cousas nem sempre unidas e muitas vezes mal orientadas. E' uma excelente leitura, asseveramolo, e deve ser interessantissima ao menos para os nossos grandes... monarchicos.

Ralharm comadres

Quando assim é diz o sabichão do proverbio veem a saber-se as verdades. Dizem os dissidentes e os rejenadores que o actual ministerio é «um dos ministerios de entreter» e chamam os mesmos homens de estado á politica de tal ministerio tout court comedia politica». Foi justamente por assim ser que nas priscas eras de manceba a perfeita rejenadores e os dissidentes endeuzaram o ministerio, lhe fizeram recados e fretes, e com o ministerio de entreter e a comedia politica de tal maneira se apaixonaram que o serviam de cocoras—e em tudo.

Apura-se agora o que aquilo era. E' que não ha nada como o ter a ente comadres.

O nosso collega de Lisboa «Novidades» publica no seu n.º de 5 do corrente um artigo de fundo que sentimos muito não poder transcrever na integra. Depois de dizer que os partidos politicos se constituem, desenvolvem e fortificam para pôr em pratica ideias de governo, diz:

De resto, dada a situação em que se encontra o paiz, parece-nos chegado o momento de recorrer a uma mudança de politica que, necessariamente, determinará uma mudança de administração. Quando por mais não seja, a titulo de experiencia.

Muito bem; é assim mesmo. Só n'um ponto divergimos ao que parece, mas crêmos que o collega concordará connosco.

Querem «As Novidades» que se experimente um partido afastado do governo ha 5 annos, mas já anteriormente muito experimentado e responsavel pelo estado em que nos achamos; nós entendemos que a mudança deve ser mais radical—a do regimen—que, segundo o criterio do collega, determinará, necessariamente, uma mudança mais radical de administração.

Porque na monarchia tudo está experimentado ha quasi 90 annos. Uma coisa resta ao paiz experimentar: a Republica. Ainda que, como diz o collega, quando mais não seja a titulo d'experiencia. Não acha?

Pro domo nostra

Pela nossa parte e d'esta vez queremos ter a gentileza de satisfazer o pedido de «A Discussão», dando treguas ao combate politico, emquanto... le roi s'amuse.

Não é porque achemos judiciosas (sic) as razões, que allega o collega, mas, que diabol! alguma vez havemos de ser agradaveis a um adversario. Provavelmente não estaremos tanto tempo quanto o collega deseja sem reabrir as hostilidades, porque nós não movem os mesmos motivos, sendo permanente a causa, que nos obriga a uma lucta porfiada e intransigente, isto é, durando emquanto existir o regimen, que para ali vegeta com todos os seus vicios e corrupções, ao passo que para o collega é intermitente a fonte das suas indignações ou das suas cordialidades.

Ao collega bastará uma simples mudança de scenario; para nós é necessario transformação mais radical. Esta empresa e estes actores só nos tem dado peças más com desempenho pessimo, apesar de ter exgottado o repertorio e percorrido todo o elenco. Actualmente representa a comparsaria. Mas cumpramos a promessa, deixando a politica. Não querendo, porém, ficar inactivos n'este intervalo de paz convencional, para que nos não apodem justamente de mandriões, vamos baixar á analyse fria e imparcial da incuria, nepotismo, iguorancia rotineira e egoismo, que nos vão por casa.

E' justo que alguma vez tratemos de nós; é mesmo da boa repartição do egoismo e do altruismo, que nasce a harmonia social. Um egoismo desmedido leva ao sordido individualismo, como um altruismo exagerado apaga o instincto de conservação.

Vamos, pois, proceder ao balanço domestico, arrumar a nossa escripturação, para que todos saibam qual é o deve e haver d'esta boa terra.

Não poderá isto caber nos limites de um artigo, que tem de ser curto para não enfasiar e deixar espaço a outros assumptos, mas, quem soffrer a leitura d'este arrazoado, terá tambem a paciencia de nos seguir por ali fóra.

Nós não vamos accusar especialmente este ou aquelle, porque o mal, os erros, a corrupção, que porventura apontarmos, veem de longe, e para elles todos tem concorrido, uns pela iniciativa malfazeja do seu espirito ambicioso e vaidoso, outros não lhes oppondo mais que uma inerte passividade, e o maior numero, porque não tem querido desancorantar-se do potro degradante de uma servidão ignobil. O que nos vai sahir do bico da penna é carapuça para todas as cabeças, embora alguma mais susceptivel ou mais culpada a julgue talhada para si. Que a enfim, abaspinhando-se, é-nos indiferente, mas causar-nos-hia prazer, que o castigo corrigisse. Finalmente, já escarmentados, promettemos não responder senão a contestação em termos, se algum nos der a honra de o fazer.

E' a nossa villa, todos o sabem, um aggregado populacional muito importante (mais de 15:000 almas), superior em habitantes a algumas cidades do paiz e a muitas do estrangeiro, gosando da amenidade climaterica da beira-mar, ligado directamente pelo caminho de ferro com as duas capitães, onde tem colonias avultadas, que pelo seu duplo movimento de entrada e sahida bem podiam trazer para cá um pouquinho de civilisação.

Sómos, além d'isso, um povo laborioso, ethnicamente forte, mechanicamente activo, febril mesmo. Não temos d'ficultades de capital, que se nutua a juro modico (5 % no geral); possuímos uma divisão territorial, que nos faz a quasi todos proprietarios, e o capital não se acha tambem accumulado nas mãos de raros Cresas, antes se distribue por um sem numero de pequenos capitalistas. Assim podemos dizer-nos um povo rico, o que de manei-

ra alguma quer significar, que não existe a miseria sob alguns tectos.

A par d'isto temos uma vitalidade exuberante, pois o coefficiente da natalidade excede muito a da mortalidade, apesar da importação morbida, que fazemos do Brazil, de Lisboa e do Porto. O crescimento da população é superior ao do paiz e as táboas da mortalidade não apparecem aggravadas. Acrescente-se que as correntes migratorias são muito desfavoraveis a este augmento populacional, pois exportamos para o necrotorio do Brazil uma grande massa humana e para os effeitos da dinamica demographica pôde considerar-se nulla a immigração.

N'estas condições de vida desafogada e dadas as vias de comunicação, que nos approximam dos grandes centros, ninguem acreditará, que não gosemos as commodidades dos melhoramentos materiaes da epocha; allias comenshos em bem mais pobres e sertanejos povoados, nem que não vivamos a vida do espirito moderno. E', porém, infelizmente certo que em melhoramentos publicos estamos abaixo de P.co de Regalados, e que o nosso espirito associativo, a nossa convivencia social, só se manifesta em d'as santificados inter pocula a jogar o marimbo ou o solo. Porquê? A seguir o veremos.

Manoel Augusto.

ARA

OS PINHEIRAES

Vae na jornada eterna da verdura um pinheiral andando... E' já noitinha e eis que a Aragem se ezalta e transfigura; se torna em Aguia uma aza de Andorinha.

E um Vento de revolta e de loucura saiu-lhe á frente, e brame e torvelinha... Que desviada tentação da altura! Que vertijem do ceu que se adivinha!

O' homens! Meditae na extranha guerra entre o Vento, que é a aza do Invizivel, e os Pinheiraes que são azas da terra...

— «Ail nem a Morte! Anda comigo!» diz o Vento. E o pinheiral: — «Não! Impossivel... Terra! morre em meus braços de raiz».

Antonio Corrêa de Oliveira.

Para a historia...

Em maré cheia de liberdade, diga-se o que se disser, anda o «radiozo» reinado. O joven monarca e os seus liberalissimos mentores jezuitas, educados nas tradições modernistas do direito contemporaneo evitam cuidodo e meticulozamente ofender o ezercicio publico das garantias liberaes consignadas nas leis, e expressas nos fundamentos das sociedades do nosso tempo. Rei assim nem de encomenda, tão felismente encontrado pelos azares da fatalidade que o diriamos milagrosamente destinado, pelo Deus tutelar dos reinos e das suzeranias, a ser o modelo accompli de reinantes e mandadores. Mentores assim só por um cazo unico na historia dos achados que maravilham.

Tolerantes, sensatos, equitativos, deixando pacificamente o povo gozar das conquistas de civilização: uma verdadeira pépiniere, recomendavel com jenero de exportação para toda a parte onde se defiahe sob as gargalheiras da tirania.

Que magnifico e vivificante ar de liberdade não respiramos...

Como o novo reinado tão bem se ajusta ao titulo esplendente de «radiozo»; como ele, emfim, para confusão de estrangeiros e para aprazimento de filosofos, tão bem corresponde ao cartaz de «liberal, liberal, liberal».

Realmente! E tem detratores, comtudo.

E' que ha sempre jenios tão mal formados que só estão bem testilhando, negativistas capazes de até acharem escuro o sol. Ha d'isso. E são esses quem se não conforma, são esses quem, irritantemente, assegura estarmos em franca monarchia absoluta.

Os detratores!...

E porque?

Porque o estado, este nosso, liberal d'uma cana só, defendendo as garantias do cidadão, velando por que nenhum despota lhas surripie, é implacavel e decidido nas proibições que deve fazer—para salvação e honra do liberalismo. Ha coisas inadmissiveis, perigozas, nefastas; horridas como um crime de stridas. O estado é claro, rezoluto e puro, saelles á caça, faz muito bem. Que ha coisas horripilantes que é preciso expunjar.

Ha-as. E' uma verdade. E um ezeplmo—é A Sementeira. O estado proibiu-a e bradam—violencia; o estado caçou-a e clamam:—absolutismo.

Não é assim.

A Sementeira é uma composição em verso apolojetica da tirania, do homicidio, do roubo, do incendio. Aquilo está harmoniozo, mas é como os demonios incubos que se fazem meninos bonitos para melhor pescarem as almas. Lê-la, é sentir a infiltração tenebroza de todas as pragas que transformam o homem em besta fera e o cidadão livre em escravo espurio. E terem andado a lê-la e a cantal-a as creanças...

Ora vejam. Este horror, este veridico liberticidio:

A SEMENTEIRA

Por ti a terra espera, ó sementeador: fecunda-a com teu gesto omnipotente! Não perderás sequer uma semente Nem teu labor. A terra é má?... Pois ha-de ser melhor quando o trigo ceifares d'esta semente. Não percas a coragem, sementeador: fecunda-a com teu gesto omnipotente!

O' Escolas, semeae... P'la sementeira espera a cega Humanidade. O' Escolas, semeae... O Amor, a Vida, a limpida Verdade, O' Escolas, semeae...

E quando o sol tiver dourado o trigo, algum os bagos d'ouro ha-de ceifar; e voltarão da terra a germinar no quente abrigo. Quem ceifara... Alguem que fôr contigo e p'ra quem estás agora a semear. Não perdes, sementeador, o loiro trigo: algum os bagos d'ouro ha-de ceifar!

O' Escolas, semeae... A messe ha-de ceifar-a uma outra Humanidade. O' Escolas, semeae... O Amor, a Vida, a Luz, a limpida Verdade, O' Escolas, semeae...

Hein?! Cantada nas ruas d'uma capital, antes as barbaças castas e sentimentaes de uma policia de querubins...

Cantada a plenos pulmões como sendo um hino feliz da humanidade futura, creando se já n'um ambiente cordato de liberdade e de independencia.

A apolojia da Escola, o ensino da «luz, o amor, a vida, a limpida verdade»... Podia lá ser!

Polvora sêca

Duas noticias, ha dias, num dos colossos da imprensa. Primeira sob o titulo «O Exodo», é a narrativa dramatizada do velho espinho da emigração; segunda uma noticia qualquer de viagem real com um orçamento de sessenta contos de réis.

Discordantes, absolutamente diversas, um ponto teem de contacto: ambas são viagens; e correlacionam-se melhor do que á primeira vista parece. Uma é a viagem da fome, dos trapos, quase a cair pelos membros, dos sonhos obzediados do Pactolo aurifero entrevisto nas crises febris dos dias sem pão, sem trabalho, sem protecção oportuna. Faz-se em transatlanticos de bojo enorme, nas camaratas reles de terceira, empilhado o homem como sardinha e com menos commodidades, menos bem estar que o que teem os bois argentinos nas suas viagens á Europa. Faz-se deixando filhos, espoza; faz-se atravez da separação lancinante da noiva, sobre todos os seres amada; faz-se deixando na patria pae, mãe, toda uma familia de luto.

Sem frases—é trajica. Nos seus montões, nas suas lagrimas, no sulco de desolação em que nos sepulta alem de trajica, acuzo.

A outra, já não é assim. Faz-se em comboios e vapores de requintadissimo luxo, dá ao partir aclamações, onde quer que se desembarque apresenta-se-nos na grandiozidade, no esplendor das ovações dos hinos de centenas de ezecutantes, nas salvas imponentes da artilleria; emfim, oferece-nos tudo quanto possa lisonjeiar um sobrenatural, quer no seu orgulho, quer nos seus gostos, quer nas suas noções do mundo. O tempo de taes viagens passa-se todo em passeios chiques, em comes e bebes para que o mundo inteiro contribua dolorozamente, em espectaculos privativos, em grandes caçadas senhoriaes, em sumas, vae-se todo em rizes, em festa, em canticos. Difere pois do ezodo do pobre, mas, a verdade, é que por mais diferentes que sejam, uma e outra viagens são. Viagens e contrastes impressionantes.

Assim: a do povo faz se para á força de canceira, privações, com ruina da saude, angariar uns vintens ou alcançar a avis rara de uma fortuna; enquanto que a do reinante (sessenta contos de reis, ó povo! ó contribuintes)! essa, faz-se, curiozamente, para dispender o dinheiro de trez fortunas...

A do povoleu emigrante faz-se para o trabalho, para «o pão que o diabo amassou»; a do rejio personagem faz-se para o goso, para a preguiça, para a gustação do mais fino trigo, do mais velho nectar, da carne mais tenra; dos mais exquisitos e melhores manjares.

A do pé descalço é, muitas vezes, estimulada pela lei de ferro da necessidade que o força a ir ao Brazil afim de granjear o dote da noiva; de que o separa a miseria a do nosso querido reizinho, ao invéz das outras, é a do namorado feliz que vae encontrar a noiva ao primeiro palacio onde a majestade vislumbre o astro nobre do amor...

Poderiam multiplicar-se as differenças, podiam invocar-se contrastes: não vale mais a pena. Para dar uma idea o que ha escrito chega, e cada um, mentalmente, pode corrigir as nossas deficiencias. E' pois certo que as duas noticias, lidas, ha dias, n'um grande diario, afinal, não se repelem nem se excluem. Não. Uma e outra são viagens, uma e outra confiam-se, credulamente, ás aventuras locomotoras. Ha mais, porem.

E é que depende, estruturalmente, da segunda a primeira viagem! E' isto omisso, vão perceber. A primeira viagem é a do povo—chama-se ezodo:—a segunda é a dos monarchas:—classifica-se a aclamação.

Pois fiquem sabendo que, a não haver rei nem roque, não haveriam viagens representativas, e, deixando os grandes de carregarem sobre os pequenos, não era preciso emigrar.

Os povos emigram para que os reis gozem viagens de luxo,—eis a moral a tirar do conto:—conto que fica—ó rabuzanos! ó contribuintes! por sessenta contos de reis.

João Fel.

Uma circular da Associação de Escolas Moveis pelo metodo João de Deus

II.º ex.º sr.—Resolveu a direcção das Escolas Moveis chamar a atenção do paiz para o aspecto de insalubridade que, por falta de orientação e auxilio dos poderes do Estado, tomou o problema do analfabetismo em Portugal. A iniciativa particular, pobre de recursos, mal tem podido manter no espirito publico uma certa boa vontade e interesse pelos assuntos de instrução. Não conseguiu, porém, até ao presente, dar um exemplo completo e decisivo do que deva ser o ensino do povo trabalhador, impondo-o á consideração de todos, especialmente das estações officias para estas o applicarem e generalizarem. Os governos, por sua vez, além de dota-

rem miseravelmente a escola primaria (o que prova falta de sinceridade, de competencia e de criterio na administração dos negocios publicos) nem o pouco que dispendem aproveitam convenientemente. Demonstra-o a quasi insensível diferença de percentagem de analfabetos que os dois ultimos censos de população, de 1890 e de 1900, registaram; e, mais recentemente, a estatística de 1903-1904, publicada pela direcção geral de instrucção. Ali se mostra quaes foram os resultados da escola primaria naquella anno lectivo, e bem assim os do anno lectivo anterior: em 1903-1904 o numero total de alumnos aprovados em exame foi de 17:396; em 1902-1903, 17:723. Havia já então muito mais de 5:000 escolas, o que nos dá uma média inferior a 4 alumnos por escola. Ainda que se presume que em leitura e escrita o ensino primario oficial habilitou outro tanto, mesmo assim é manifesta a insuficiencia e, pôde dizer-se, o desperdicio. Gastaram-se, em 1903-1904, com a instrucção primaria (vencimento de categoria e de exercicio dos professores, gratificações, inspecção, subsidios, rendas de casa e premios) 1.408.938\$467 réis. Confrontando com o numero de alumnos apurados em exame naquella anno, temos a despeza média, por cada um, de 80\$992 réis, despeza que descerá a metade, aproximadamente, se fizermos o calculo provavel por alumno que aprendeu a ler e escrever.

Ninguém julgue que transcrevemos estes algarismos da citada estatística e do orçamento geral da receita e despeza do fundo da instrucção primaria em 1904, para culpar o professorado, na generalidade zeloso até ao sacrificio, e oferecendo-nos tantissimas vezes a mais segura afirmação das qualidades civicas do povo português. Elle tem feito o maximo, dentro das circumstancias que lhe crearam. Sem edificio adequado (pois que das 6:000 escolas officaes, apenas 500 encontram em casa alugada), sem mobiliario proprio, sem remuneração sufficiente e condigna, e quasi sem convívio espirital—sempre indispensavel para estimular a vontade de trabalhar e produzir—o magisterio primario official tem salvas as suas responsabilidades, especialmente se considerarmos que o principal defeito é de organização. Atribuir a um professor o encargo de quatro classes geralmente numerosas—com obrigação de habilitar para exame de 1.º e 2.º grau—e ainda a delicadissima tarefa das primeiras letras, é crear, por inconsciencia ou cinismo, uma situação deploravel para a dignidade profissional do mesmo professor e provocar a esterilidade relativa dos trabalhos escolares. Não pôde ser. O professorado tem o direito e o dever de reclamar dos poderes publicos uma immediata remodelação dos serviços de instrucção primaria. Precisa de pôr termo a este estado de coisas, que o compromete perante a opinião do país e aniquila todas as suas qualidades de acção, ao mesmo tempo que lhe absorve a existencia na miseria mais injusta, cruel e revoltante.

Sobretudo, quem acompanhar de perto o funcionamento de uma escola rural reconhece logo que mais do que nenhum outro motivo a aglomeração dos analfabetos asfixia todo o esforço e actividade do professor.

Ora, em boa verdade, o ensino das primeiras letras pertence aos paes, se estes estão em condições de o fazer; e, em sua substituição, ás escolas infantis ou *Jardins-escolas*, conforme nós as designamos. Mas escolas infantis nunca houve em Portugal, nem as haverá tão cedo por falta de dinheiro e de orientação. Apenas, em Lisboa, escondida prudentemente por entre as copadas arvores do sombrio passeio da Estrella, foi ha annos, construída uma barraca de madeira, architectada por indigesta leitura da obra de Fröbel, sem nenhuma condições de adaptação, nem espirito de originalidade. Tem ella servido simplesmente, para abrigar do sol e da chuva algumas criancinhas que as mães ali levam enquanto a sua vida

penosa de trabalho as reclama des preocupadas das atribuições e tarefas da maternidade. Não havendo, pois, escolas infantis, o problema do analfabetismo tem de ser posto irreductivelmente nestes termos:—sô as escolas moveis de primeiras letras, as escolas moveis pelo metodo João de Deus, que a imprensa de todo o país, em successivas e constantes noticias, tem confirmado como uteis e eficazes, só ellas podem dispensar á escola primaria o concurso de que esta carece na primeira parte do ensino. E assim se prova que nisto a administração publica precisa de immediata intervenção da iniciativa particular que, aliás, deve anticipar sempre o seu exemplo.

Foi em condições semelhantes que as escolas modelos de Iverdon e de Fribourg deram, respectivamente, a Pestalozzi e ao padre Girard, a honra de terem feito do povo suizo o primeiro povo do mundo, sob o ponto de vista civico. E tambem, semelhantemente, ha pouco, o governo francês aprovou bastante, para a reforma da instrucção secundaria, dos processos e da orientação da escola de Desmolins. Mas podem as Escolas Moveis realizar uma rapida e economica solução do problema? Sem duvida.

A obra das Escolas Moveis tem, sobre todas, a qualidade de se afirmar, uma obra verdadeiramente nacional. Procurando implantar o espirito e doutrina do metodo João de Deus, de certa maneira estabelece a orientação logica e sensata que se deve seguir na educação do povo português. E só isso seria motivo de facilidade para a sua generalização, se mais nada valesse. De resto, vejamos por algarismos até onde se poderiam estender os seus serviços.

Dois mil professores ambulantes, realizando cada um, por anno, duas missões de cinco meses em duas freguesias de um concelho, ensinariam a ler e a escrever, conforme os nossos resultados obtidos (calculando a 25 alumnos por missão), 100:000 analfabetos, aproximadamente. Pagando-se a cada professor a quantia de 330\$000 réis annuaes, tinhamos a despeza total de 660:000\$000 réis. Desta forma pratica, estaria necessariamente vencida, no fim de 30 annos, a campanha contra o analfabetismo. Façamos, porém, um calculo mais modesto—que é o que constitue precisamente o nosso actual plano de acção:—«um professor e uma biblioteca popular em cada concelho, tendo a respectiva sede, organizada e delegada da direcção, uma comissão auxiliar de propaganda e fiscalização dos serviços das Escolas Moveis e de assistencia aos alumnos pobres». Nos 290 concelhos de Portugal realizar-se iam 580 missões; ficariam sabendo ler e escrever, em cada anno, uns 15:000 individuos; e as despesas orçariam por cem contos. Estabelecidas as bibliotecas populares ambulantes (que este anno se vão iniciar, aproveitando os professores como portadores de obras de vulgarização, previamente seleccionadas) e feitas leituras publicas, aos domingos e dias santos, com o auxilio de projecções luminosas, para dar uma noção de progresso áquelles que não sabem nem é provavel que venham a saber ler.—a acção transitoria das Escolas Moveis completa-se e torna-se perduravel pela criação dos *Jardins escolas*—tipo português de escola infantil—o primeiro dos quaes se instituirá brevemente em Coimbra.

Mas para se levar longe e a resultados sensiveis toda esta vastissima obra, principiada ha 27 annos por Casimiro Freire, é indispensavel o apoio moral e material do país inteiro. Neste momento, a nossa associação conta, residentes em Lisboa, provincias, ilhas, Africa e Brasil, cerca de 2:000 socios. E apenas 19 comissões auxiliares, organizadas respectivamente em 19 concelhos.

No sentido, pois de dar a mais ampla realização ao plano acima exposto, pede esta direcção a v. ex.ª que, empregando todos os meios ao seu alcance, faça propaganda do conteúdo da presente circular. E dirige-se-lhe especialmente confiada em que obterá a sua inscrição de socio

desta colectividade, e bem assim a inscrição de outras pessoas, em quem reconheça, indistinctamente de qualquer feição politica, verdadeiros sentimentos civicos e espirito liberal.

RIDENDO...

Foi el-rei *espanejar* a mocidade radiosa pela terra e pelo mar, com a ideia de arranjar uma princeza geitosa.

Fez bem, porquanto o cazorio regra geral, não é mau. Já dizia São Gregorio doutor da igreja, finorio, que um homem não é de pau...

Fez bem. Mas quanto a politica andou desastradamente, deixando em hora tão critica na Luzitania rachitica seu *tititi* como regente.

Foi um erro, uma avaria que mostra quanto fraqueja a nossa diplomacia:

.....
A regencia pertencia sómente ao bispo de Bejal

Zzzt.

COMUNISMO

(Conclusão)

Porque foi preciso que milhares de maquinas transformassem de ano a ano, aos olhos de todos, o calor em força dinamica, esta força em som, luz e electricidade, antes que estas intelijencias jenias viessem proclamar a orijem mecanica e a unidade das forças fisicas. E se nós compreendemos emfim esta idea, se soubemos applical-a, é ainda porque estavamos preparados pela experiencia de todos os dias.

Os pensadores do seculo passado haviam-no entrevisto e enunciado, mas ella ficou incompreendida, porque, como nós, o seculo dezoito não tinha crescido ao lado da maquina a vapor.

Pense-se, tão somente, nas decadas que teriam decorrido, ainda, na ignorancia desta lei que nos permitiu revolucionar a industria moderna, se Watt não tivesse achado em Soho habéis trabalhadores para ezequem, no metal, as *t-o-i-as* que explanára; aperfeiçoar todas as partes, e tornar emfim o vapor, encerrado num mecanismo completo, mais docil que o cavallo, mais maneavel que a agui; fazel-o numa palavra a alma da industria.

Cada maquina tem a mesma historia: longa historia de noites em claro e de miseria, de desilusão e de alegrias, de melhoramentos parciais achados por varias jeações de operarios desconhecidos, que vinham juntar á primitiva invenção estes pequenos nadas sem os quaes a idea mais fecunda fica esteril.

Mais do que isso, cada invenção nova é uma sintheze:—resultado de mil invenções precedentes, no imenso campo da mecanica e da industria.

Ciencia e industria, saber e applicação, descoberta e realização pratica levando a novas descobertas, trabalho cerebral e trabalho manual,—pensamento e obra dos braços,—tudo se relaciona. Cada descoberta, cada progresso, cada aumento da riqueza da humanidade tem orijem no conjunto de trabalho manual e cerebral do passado e do presente.

Em tal caso, com que direito poderia qualquer apropriar-se da menor parcela desse imenso todo, e dizer:—Isto é meu, não vosso?

Kropotkine.

CHRONICA AGRICOLA

LV

Sementeiras d'inverno

Estamos na epocha das chamadas sementeiras d'inverno. Estão já destinados os terrenos que hão-de

levar cereaes—e pena é que não seja muito maior quantidade—ficando os outros a produzir forragens a que vulgarmente se chamam as *hervas*.

Nas terras baixas ha já, dando córte, o azevem semeado á *arrenda* do milho.

Parece-me que n'este assumpto, como de resto em quasi todos os agricolas, o nosso lavrador não segue a melhor pratica e a que mais proveitos lhe daria.

Assim, na sementeira dos cereaes, usa fazel-a agora para colher em maio ou junho; ora, sobretudo pelo que diz respeito aos trigos, isto é um desperdicio.

Estrumando bem e com conhecimento do que faz, pôde o lavrador semear herva em todo o terreno de que dispõe; colhe pelo menos um córte d'aqui até á segunda quinzena de março, em que semeia os *trigos de primavera* tambem chamados molles e que vem a colher exactamente quando o trigo que agora semeia, podendo, portanto depois d'isso semear os molhos chamados de *revolta*.

Esses trigos molles são os mais proprios e usados no fabrico de pão fino e são *pagos por melhor preço*, o que representa nova vantagem para o lavrador.

Como se desenvolvem muito rapidamente, convém a esses trigos uma adubação mixta, isto é, com estrume de curral completado com adubos chimicos, empregando d'um e d'outros menor quantidade do que se fosse só d'um.

Os adubos chimicos, d'assimilação mais rapida, alimentam o trigo a principio, e no fim já elle pôde aproveitar melhor o de curral.

O lavrador d'Ovar, que dispõe de magnificos terrenos para a cultura do trigo, devia ensaiar-a e fazel-a em larga escala, por ser altamente remuneradora.

Especialmente agora que ha n'esta villa uma fabrica de moagem e que portanto ha a certeza d'um commodo e certo consumidor.

E' possivel até que, sollicitados pelos lavradores, os seus proprietarios se encarregassem de fornecer a preços razoaveis, sementes boas, lucrando assim todos com esse entendimento.

Quando ás *hervas*, outro erro, segundo o meu criterio, vejo praticar na sua adubação.

Esta é feita a lanço, sobre a sementeira, ficando assim exposta aos raios do sol e á chuva que lhes tiram todos os elementos fertilizantes.

Pôde dizer-se ainda que a chuva os incorpora na terra; mas além dos que se perdessem quando ella fosse demasiada, ha os perdidos por evaporação.

Eu tenho como regra geral que em cobertura só se devem empregar os adubos chimicos especialmente os azotados e só em prados permanentes os outros tambem, por necessidade.

Fóra d'isso os adubos devem ser sempre incorporados no sólo.

O estrume de curral, então, em cobertura, só em caso d'extrema necessidade, e extraordinariamente curtido.

Ora o nosso lavrador usa leval-o directamente do curral para o espalhar o que é um duplo erro por não estar ainda nitrificado, nem encontrar condições favoraveis a uma rapida nitrificação.

O suppôr que as *hervas* tem raiz curta e receiar que ellas não possam vir aproveitar o estrume enterrado, maior erro é.

Uso, pois, na sementeira das *hervas* enterrar o estrume de curral com uma lavoura pouco profunda e tenho-me dado admiravelmente.

Nos azevens é que é preciso o adubo em cobertura, mas voto pelo emprego do chimico, sobretudo o nitrato de sodio na razão de 200 kilos por cada *dose alqueires e meio de sementeira* (10:000^m).

E' extraordinario o resultado. Aconselho instantemente todo o lavrador a que faça a seguinte

EXPERIENCIA

Marcar n'um meio d'um campo e com 4 estacas—100 metros quadrados—o que se faz com uma fita metrica marcando 10 metros ou 45 palmos por lado. Espalhar muito igualmente n'esses 100^m, 2 kilos ou 2 1/2 de nitrato de sodio que custa um maximo de 200 réis.

Como não fica caro, vale a pena experimentar porque se houver humidade sufficiente, no fim de 15 dias conhecem-se os 100 metros mesmo que as estacas tenham desaparecido; a herva está maior e mais escura.

ANNUNCIOS

BARCOS AUTOMOVEIS

Construcção perfeita de barcos automoveis de 12 a 40 pés de comprimento, força de 2 a 100 cavallos e com a velocidade de 6 a 23 milhas á hora.

Fabrico e velocidade garantidas. Ha 100 modelos desenhados para escolher.

Fabricam-se helices fixos e *mobiles* para todos os systemas de motores. Fazem-se reparações em toda a classe de motores e barcos.

Os motores que applicamos nos nossos barcos são de *fabrico americano* de 2 e 4 *temps*, segundo o desejo do cliente.

Tambem se formam barcos a vapor sendo os cascos cá feitos e as machinas importadas, e bem assim barcos de 16 pés de comprimento por 5 de largo. Motor de 6 a 8 H P com a deslocação de 6 a 8 milhas á hora. Preço 250\$000 réis.

Indicações e orçamentos a quem os pedir.

LIBORIO & MAGINA

Estarreja—Avanca

Reportorios

e Almanachs

PARA 1910

Encontram-se á venda na

Imprensa Civilização

Rua de Passos Manoel, 211 a 219

PORTO

Grandes descontos aos revendedores

Imprensa Civilização

(Casa fundada em 1878)

211—Rua de Passos Manoel—219

PORTO

Execução de todos os trabalhos typographicos com a maxima nitidez e perfeição, pelo menor preço.

Tem á venda notas de expedição de pequena e grande velocidade a preços muito baratos. Preço especial de 5:000 notas para cima.

INDICAÇÕES PARA TODOS

Comercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 4\$980 a 5\$050 réis.
Valor da libra, papel, de 4\$960 a 5\$000 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4—/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 1/4—4\$980 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 31\$650 réis, moeda portugueza.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.ª qualidade, 15 kilos. 1\$400 réis
» 2.ª » 15 » 1\$350 »

BAIRRADA

» 1.ª qual., 15 kilos. 1\$300 »
» 2.ª » 15 » 1\$250 »
» 3.ª » 15 » 1\$200 »

Batatas, 15 kilos 400 »

Centeio 20 litros 740 »

Fava, 20 litros 750 »

Farinha de milho, 20 litros 840 »

» trigo, 1.ª qual. kilo. 103 »

» 2.ª » » 93 »

» cabecinha 62 »

» semente superfin. » 40 »

» grossa 38 »

Feijão vermelho, 20 litros . 1\$280 »

» branco, 20 » . 1\$220 »

» mistura, 20 » . 960 »

Milho branco, 20 » . 800 »

» amarello, 20 » . 700 »

Ovos, duzia 140 »

Tremoço, 20 litros. 380 »

Azeite, 1.ª qual. litro. 300 »

» 2.ª » » . 270 »

» 3.ª » » . 260 »

Alcool puro, 26 litros. 6\$500 »

Aguardente de vinho, 26 lit. os. 3\$380 »

» bagaceira, 26 litros. 2\$730 »

» figo, 26 litros 1\$950 »

Geropiga fina, 26 litros 2\$080 »

» baixa, 26 » 1\$430 »

Vinho tinto, 26 litros. 750 »

» branco, 26 » 900 »

» verde, 26 » 900 »

Vinagre tinto, 26 » 700 »

» branco, 26 » 900 »

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança—Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:306\$010 réis

Companha do Socorro—Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:012\$520 »

Companha S. José—Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:588\$510 »

Companha S. Pedro—Rendimento de janeiro a maio de 1909 681\$990 »

Companha S. Luiz—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 7:388\$835 »

NOS CAMPOS

Rendimento de

Matadouro

No mez de
Rezes abatidas para o consumo:
.... Bois, com o pezo de . . . kilos
.... Vitelas, » » » »
.... Porcos, » » » »

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. 25 réis.
idem (idem, idem), cada 15 gr.) ou fracção para Hespanha. 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr. cada 50 gr. ou fracção. 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2000 gr. cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

Manuscriptos (—em limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis
Cada 50 gr. mais ou fracção 5 »
Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis
» cada 20 gr. ou fracção 30 »
Bilhetes postaes: cada 20 »

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.
Cartas com valor declarado—Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 réis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possesões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes tem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10
» 10\$001 » » 50\$000 » . 20
» 50\$001 » » 100\$000 » . 30
» 100\$001 » » 250\$000 » . 50
Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 50
Valor não conhecido ou declarado. 500
Cheques ao portador 20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
» 20\$001 » » 50\$000 » . 50
» 50\$001 » » 250\$000 » . 100
Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 100

A mais de 8 dias de prazo

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
» 20\$001 » » 40\$000 » . 40
» 40\$001 » » 60\$000 » . 60
» 60\$001 » » 80\$000 » . 80
» 80\$001 » » 100\$000 » . 100
Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20
» 20\$001 » » 100\$000 » . 100
Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. 5 »

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta 6 »

Bairro d'Arruella até á Poça. 7 »

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. 8 »

Ponte Nova—Ponte Readá e Sobral 9 »

Estação e Pellames. 10 »

João—Cima de Villa e logares visinhos. 11 Badaladas
Ribeira. 12 »
As.ões—Granja e Guilhovae. 13 »
Furadouro 14 »
Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Socorros Mutuos

Presidente da direcção — D. Antonio d'Oliveira Desalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — D. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo socorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
Antonio da Silva Brandão Junior.
Carrelhas & Filho, Succesor.
Manoel Ferreira Dias.
Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Succesor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespanol».

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo, Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias) — Ferreira, Bandá & C.ª, Moagem de Cereaes — Soares Pinto & C.ª, Limitada Ceramica — Peixoto, Ribeiro & C.ª

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias

«Cidade»—Estação, «Canastreiro»—Rua de St.ª Anna, «Central»—Rua da Praça, «Cerveira»—Furadouro, «Jeronymo»—Largo do Chafariz, «Nunes Lopes»—Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa — Praça, José Garrido — Rua dos Campos.

Mercearias

Abilio José da Silva—Ponte Nova Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira — Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

Recebe toria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboys	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.		
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	1,55	2,45	3,26	5	5,10	5,58	8,45
	Espinho	6,20	7,27	8	9,29	10,49		2,55	3,40	4,24	5,39	6,15	7,1	9,55
	Esmoriz	6,36	7,35	8,16	—	—		3,11	—	4,39	—	6,31	7,18	10,4
	Cortegeça	6,42	—	8,22	—	—		3,17	—	4,45	—	6,37	7,24	—
	Carvalhara	6,48	—	8,28	—	—		3,23	—	4,52	—	6,43	7,31	—
	OVAR	6,58	7,50	8,38	—	—		3,33	3,59	5,2	—	6,53	7,42	10,24
	Vallega	—	7,56	—	—	—		—	—	—	—	—	7,49	—
	Avanca	—	8,1	—	—	—		—	—	—	—	—	7,56	—
	Aveiro	—	8,37	—	10,5	12,16		—	4,40	—	6,14	—	8,37	11,10

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboys	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr	Rap.	Om.			
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,44	—	—	11,3	TARDE	2,5	—	—	5,34	—	9,56	10,29	
	Avanca	4,37	—	—	—	11,42		—	—	—	6,12	—	—	—	
	Vallega	4,43	—	—	—	11,48		—	—	—	6,17	—	—	—	
	OVAR	4,51	6,24	7,20	10,23	11,57		—	—	—	6,27	—	—	—	
	Carvalhara	5,2	—	7,31	10,31	12,8		—	4,8	5,85	6,27	7,25	—	11,12	
	Cortegeça	5,7	—	7,36	10,36	12,13		—	4,19	5,48	—	7,36	—	—	
	Esmoriz	5,13	6,38	7,42	10,42	12,18		—	4,24	5,51	—	7,41	—	—	
	Espinho	5,30	6,47	7,59	10,59	12,34		—	4,30	5,57	6,42	7,47	—	11,36	
	S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,58	14,7		—	2,39	4,47	6,14	6,55	8,4	10,35	11,36
								—	3,18	5,50	7,15	8,1	9,4	11,16	12,24